

Paisagens de Campos do Jordão em três atos: cura, turismo e modernização

Marcelo André Ferreira Leite,
José Geraldo Simões Júnior*

Resumo Este artigo busca analisar como distintas imagens da cidade de Campos do Jordão, conhecido destino turístico de montanha localizado na Serra da Mantiqueira paulista, foram retratadas em três romances da literatura nacional: *Floradas na Serra* (1939), estreia da paulistana Dinah Silveira de Queiroz, *Cidade Enferma* (1948), do sergipano Paulo Dantas e *Opulência* (2020), do também paulistano Luís Krausz. Com narrativas que se passam na referida estância turística entre as décadas de 1930 e 1970, a partir da leitura de cada um dos três livros, pudemos verificar interessantes relações entre a literatura e os estudos sobre memória, história, urbanismo e arquitetura das cidades, para além de sua importância como artefato cultural, forma de expressão artística ou obra de entretenimento.

Palavras-chave: Campos do Jordão, cidades e literatura, memória e literatura.

Paisajes de Campos do Jordão em tres actos: curación, turismo y modernización

Resumen Este artículo analiza cómo diferentes imágenes de la ciudad de Campos do Jordão, conocido destino turístico de montaña ubicado en la Serra da Mantiqueira, fueron retratadas en tres novelas de literatura nacional: *Floradas na Serra* (1939), estreno de Dinah Silveira de Queiroz, *Cidade Enferma* (1948), de Paulo Dantas y *Opulência* (2020), de Luís Krausz. Con narraciones que tienen lugar en la ciudad turística entre las décadas de 1930 y 1970, a partir de la lectura de los tres libros, pudimos verificar interesantes relaciones entre la literatura y los estudios sobre memoria, historia, urbanismo y arquitectura de las ciudades, además de su importancia como artefacto cultural, forma de expresión artística u obra de entretenimiento.

Palabras clave: Campos do Jordão, ciudades y literatura, memoria y literatura.

Landscapes of Campos do Jordão in three acts: cure, tourism and modernization

Abstract This article analyzes how different images of the town of Campos do Jordão, known mountain tourist destination located in the Serra da Mantiqueira, in São Paulo State, were portrayed in three novels of national literature: *Floradas na Serra* (1939), premiere of Dinah Silveira de Queiroz, *Cidade Enferma* (1948), by Paulo Dantas and *Opulência* (2020), by Luís Krausz. With narratives that take place in the touristic town between the 1930s and 1970s, from the reading of each of the three books, we could verify interesting relations between literature and studies on memory, history, urbanism, and architecture of cities, in addition to its importance as a cultural artifact, form of artistic expression or work of entertainment.

Keywords: Campos do Jordão, cities and literature, memory and literature.

— **C**onforme Ricardo Paiva, há cidades “que consolidaram imagens turísticas extremamente marcantes e foram entronizadas como ícones do turismo e do entretenimento pelo imaginário coletivo, produzindo uma arquitetura *fake* com fortes recursos e efeitos simbólicos” (2004, p. 121). Analisando-se o caso de Campos do Jordão¹, um conhecido *destino turístico de montanha*², é fácil perceber como essa sua principal atividade econômica influencia consideravelmente a imagem da cidade: o município está repleto de simulacros arquitetônicos que sugerem um cenário pseudoeuropeu (figura 1), o qual é vendido como mercadoria juntamente às belas paisagens naturais locais e mesmo com certas arquiteturas em linguagens distintas da predominante.

De ocupação urbana relativamente recente (o início do povoamento se dá apenas no último quartil do século XIX), a história da urbanização e da arquitetura de Campos do Jordão ao longo do século XX pode ser entendida por meio de quatro épocas, as quais denominamos *época da cura da tuberculose* (1919-1938), *época do turismo de elite* (1938-1958), *época de modernização e cultura* (1958-1989), e *época do turismo de massa* (1976-...). Essas quatro *épocas* são uma periodização que propomos em nossa pesquisa de doutorado (que se encontra em andamento) – da qual esse artigo é um desdobramento – e parcialmente derivadas dos *ciclos* apresentados por Pedro Paulo Filho (1937-2014) em sua *História de Campos do Jordão* (1986).

Um dos primeiros autores a serem incorporados nesse estudo foi o urbanista estadunidense Kevin Lynch (1818-1984), por meio sua obra mais conhecida, *A Imagem da Cidade*. É por meio dela que esboçamos um método de *leitura visual da paisagem urbana*, subsidiado pelo conceito de *marcos arquitetônicos*, que adotamos de uma forma derivada da de Lynch, o qual defende que a imagem de uma cidade pode ser apreendida por meio de cinco elementos: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Esses últimos podem ser edifícios que, por alguma *singularidade*, funcionam como pontos de *referência* ou indicadores de *identidade*. A singularidade, por sua vez, pode ser advinda de sua *importância* sócio-histórica, da natureza de sua *linguagem*, e da *localização*, posicionamento e *dimensões* dentro do tecido urbano.

A ideia de *marcos arquitetônicos* que usamos também se aproxima dos *elementos primários*, apresentados pelo arquiteto italiano Aldo Rossi (1931-1997) em seu livro *A Arquitetura da Cidade*, e que são componentes urbanos que teriam “um caráter decisivo na formação e na constituição da cidade [...] notado, com frequência, devido a seu caráter permanente” (p. 58). Em nosso trabalho buscamos ainda, da mesma forma que o referido autor na obra citada, não nos limitarmos “apenas a imagem visível da cidade”, embora ela seja nosso inegável ponto de partida, mas estudar a própria “construção da cidade no tempo” (p. 1), por meio dos chamados *fatos urbanos*, que segundo o autor, seriam acontecimentos e transformações marcantes, que modificam substancialmente a história local (construções, vias, demolições, fenômenos naturais, eventos etc.); dessa forma, conseguimos estudar uma Campos do Jordão mais dinâmica,

* Marcelo André Ferreira Leite é Arquiteto e Urbanista, Doutorando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie e Arquiteto no Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo. José Geraldo Simões Júnior é Arquiteto e Urbanista, Professor adjunto da FAU da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Professor-convidado no curso de Doutorado em Urbanismo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (entre 2004 e 2013). ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-2130-2134>>.



Figura 1: Vista do *Boulevard Geneve*, na Vila Capivari, Campos do Jordão. Fonte: Acervo do Autor, 2017.

Notas 1 e 2 da página anterior:

¹ Campos do Jordão localiza-se no interior do estado de São Paulo, na Serra da Mantiqueira. Administrativamente, pertence à Região Metropolitana do Vale do Paraíba, com população atual de 45177 habitantes, de acordo com o Censo do IBGE em 2022. Sua localização relativamente próxima de São Paulo (cerca de 170 km) garante-lhe uma frequência considerável de visitantes da capital estadual, além de outros locais do país.

² De acordo com Silva (2011), o *turismo de montanha* pode ser definido como uma modalidade turística na qual os usuários vivenciam espaços caracterizados por imagens: *históricas e culturais*, associadas a um tempo ou contexto já não existente; *naturais e ecológicas*, relacionadas às paisagens típicas de montanha; *sociais de prestígio*, na qual se acredita que apenas uma elite é que habita ou usufrui de regiões de montanha; *de lazer*, na qual o usuário objetiva fugir de um espaço estressante em busca de um *paraiso*; e *afetivas*, na qual a montanha está associada à experiências pessoais positivas.

em *time lapse*, como uma memória urbana se constrói por meio da passagem do tempo. Dessa forma, cada uma das *épocas* propostas apresenta uma distinta imagem de cidade, as quais foram disseminadas pelo Brasil, primeiramente, pela lembrança dos tuberculosos em busca de tratamento e, depois, pela memória dos turistas que visitaram Campos do Jordão.

A *época da cura da tuberculose* recebe essa denominação por estar vinculada ao primeiro ciclo socioeconômico do município, o *ciclo da cura*, termo cunhado pelo historiador local Pedro Paulo Filho. Alguns marcos arquitetônicos desse período são os sanatórios São Paulo (1930), Santa Clara (1931) e Santa Cruz (1932), e as primeiras estações Abernêssia (1919) e Emílio Ribas-Capivari (1924) da Estrada de Ferro Campos do Jordão.

Ao final da década de 1930 a atividade turística começa a despontar como principal ramo econômico da cidade. É nesse contexto que surgem os marcos da *época do turismo de elite*, implantados a partir dos anos 1940. Suas características primordiais advêm de diversas linguagens ditas *ecléticas*, como o normando dos hotéis dos Lagos (1946) e Vila Inglesa (1948) ou o chalé alpino do Hotel Toriba (1943).

O *ciclo do turismo* foi primeiramente incentivado pelo governo estadual, à época liderado pelo interventor federal, Adhemar de Barros (1901-1969), por meio da criação de uma infraestrutura de lazer. Entre os primeiros *pontos turísticos* criados estão o Parque Estadual de Campos do Jordão (1941), mais conhecido como Horto Florestal, uma grande reserva que protege parte da flora e da fauna da Serra da Mantiqueira; e o imponente Palácio Boa Vista (1938) – planejado apenas como residência de inverno do governador paulista, mas atualmente também um museu de arte – o qual foi idealizado simultaneamente com um dos primeiros estabelecimentos de hospedagem de maior porte, o Grande Hotel Cassino (1938).

Os marcos da *época de modernização e cultura* são comuns na cidade entre as décadas de 1950 e 1980, sobretudo em edifícios públicos, como o Mercado Municipal (1958), o Posto Telefônico (1974) e o Auditório Cláudio Santoro (1979). Já o Parque Hotel (1958) e o Edifício Mantiqueira (1960) se destacam pelos seus sete e nove pavimentos em linguagem arquitetônica moderna, respectivamente, destoando consideravelmente do pastiche europeu, bastante comum na cidade.

Por fim, os marcos da *época do turismo de massa* representam a arquitetura europeizante e/ou destinada exclusivamente a essa atividade econômica de meados dos anos 1970 até hoje. O repertório dessa linguagem é vasto, com inclusão de vários elementos: dos tijolos aparentes empregado nas segundas estações Abernêssia (1976) e Emílio Ribas-Capivari da Estrada de Ferro Campos do Jordão (1981), ao enxaimel utilizado com função estrutural no Boulevard Geneve (1985) e replicado com função apenas decorativa em várias outras construções, entre elas o Portal de Campos do Jordão (1987) e o prédio que atualmente sedia a agência da Caixa Econômica Federal (1995).

Além da arquitetura local e das memórias dos tuberculosos e turistas que passaram por pela cidade, artefatos culturais como cartões-postais, revistas, filmes, minisséries e livros também contribuíram para a disseminação das imagens de Campos do Jordão pelo Brasil. Como bem observou Júlia O'Donnell:

A Viena de Freud, a Paris de Baudelaire, a Lisboa de Pessoa, a Londres de Virgínia Woolf, Dickens e Poe e [...] o Rio de João do Rio. Inúmeros autores fizeram da cidade sua musa e, numa involuntária etnografia rica em detalhes descritivos e sensitivos, versaram sobre as angústias e prazeres a que ficavam submetidos os seus eu-líricos. (O'DONNELL, 2008, p. 16)

Com Campos do Jordão não foi diferente, e entre os livros que tem a cidade como cenário podemos mencionar os romances semiautobiográficos *Floradas na Serra*, estreia literária da escritora paulistana Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), *Cidade Enferma*, do sergipano Paulo Dantas (1922-2007) e *Opulência*, do também paulistano Luís Krausz (n. 1961) – de modo que pretendemos nesse artigo analisar como as distintas imagens jordanenses ao longo do século XX são descritas e apresentadas nessas três obras.

O método adotado se iniciou com uma primeira leitura dos livros, mais despreziosa e com o intuito de se apreender cada trama. Em seguida, passamos a uma segunda leitura dos romances, mais crítica e com seleção de trechos que subsidiassem uma análise da relação de cada um dos textos com duas das épocas de estudo propostas pela pesquisa, a saber: a *época da cura da tuberculose* e a *época do turismo de elite* – coincidentes com o período em que se passam as histórias de *Floradas na Serra* e de *Cidade Enferma* – e a *época de modernização e cultura* e a *época do turismo de massa* – coincidentes com o período em que se passa a história de *Opulência*. Por fim, buscamos identificar semelhanças e diferenças na forma como as imagens jordanenses são descritas e apresentadas em cada narrativa, bem como suas relações com determinadas legislações urbanísticas contemporâneas às obras.

Floradas na Serra e a Campos do Jordão idílica do turismo de elite nascente

“Assim como a literatura auxiliou na construção do gosto pela montanha na Europa e ampliou a fama de Davos por meio do lançamento da obra *A Montanha Mágica*, em 1924, Campos do Jordão também aumentou seu reconhecimento no Brasil [...] por meio da literatura” (HAMMERL, 2016, p. 207). Assim, o equivalente do livro do alemão Thomas Mann (1875-1955) para o caso jordanense, sem dúvida, é *Floradas na Serra*, best-seller de estreia de Dinah Silveira de Queiroz. Membro da aristocracia paulistana, “a escritora presenciou de perto os flagelos da tísica e os prazeres e as dificuldades do tratamento climatoterápico. Sua mãe faleceu de tuberculose durante sua infância e sua irmã também foi acometida anos mais tarde” (HAMMERL, 2016, p. 207) pela *peste branca*, fazendo seu tratamento em Campos do Jordão.

Publicado em 1939, *Floradas na Serra*, como sugere o título, é uma amostra da belíssima paisagem natural jordanense: as onipresentes e majestosas araucárias, os campos de altitude, a água gelada e cristalina dos lagos e cachoeiras, as pereiras e cerejeiras em flor. A trama gira em torno de quatro jovens, Elza, Lucília, Letícia e Belinha, que habitam uma mesma pensão para doentes na Vila Abernécia, em Campos do Jordão, algo muito comum na cidade durante a *época da cura da tuberculose*, juntamente aos sanatórios. Enquanto nesses últimos o tratamento era, em geral, mais impessoal, nas pensões o tratamento era mais personalizado e adequado para as *moças de família* que protagonizam a narrativa.

“A vivência de Dinah Silveira de Queiroz em Campos do Jordão permitiu que escritora representasse, em conjunto com a trama, as principais características do lugar e as práticas que vinham se construindo na estância ao longo da década de 1930” (HAMMERL, 2016, p. 208). A Vila Abernécia, até hoje centro cívico-comercial jordanense, é descrita em sua simplicidade, com destaque para a *antiga estação*, em torno da qual se formou o bairro, e o *antigo mercado* (figura 2), onde vinham “negociar e expor suas mercadorias roceiros vindos da fronteira de Minas, gente de São Bento do Sapucaí e Itajubá, caboclos do Retiro e do Centro, japoneses plantadores na Serra” (QUEIROZ, 1984, p. 51). Além desses dois marcos, temos também um vislumbre das *pensões*, *sanatórios* e *chácaras* que havia nos arredores:

[Professora, falando com Elza] – Ali está um sanatório! Um pavilhão muito branco, alpendrado, aparecia ao longe. – Outro. Aquele é só para moças. [...] Nova parada. Agora, semeadas aqui e ali, pequenas casas apareciam. Plantações de pereiras. Pessegueiros. Uma rua. [Professora, falando com Elza] – Aqui é o Dispensário. É um posto para tratamento gratuito. Lá, estão vendo aquela com dois terraços? É uma república de rapazes doentes... Este pavilhão é o mercado... [...] O carro rodou um instante junto da estação, tomou a rua, virou à esquerda e começou a subir. Pequenos bangalôs se sucediam, tranquilizadores”. (QUEIROZ, 1984, p. 3, grifos nossos)

Em oposição à Abernécia, principal cenário de *Floradas na Serra*, vemos também o surgimento de um polo turístico em Vila Capivari, distante quatro quilômetros a leste de Abernécia, um prenúncio da *época do turismo de elite* em Campos do Jordão. Percebemos por meio de Elza que, à medida que “a personagem melhorava sua saúde e caminhava para a cura, as passagens da trama intensificavam-se na Vila Capivari, destacando-se as belezas paisagísticas daquele núcleo urbano e a presença de seus



Figura 2 (topo): Antigo Mercado Municipal, em Vila Abernécia, década de 1920. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

Figura 3 (embaixo): Tênis Clube, à frente, na Vila Capivari, anos 1930 ou 1940. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

ricos frequentadores” (HAMMERL, 2016, p. 208). As casas de campo de paulistanos abastados e o *Tênis Clube* (figura 3), instituição turística pioneira, fundada na cidade em 1933, são alguns dos locais descritos na trama:

Deram voltas pela vila cheia de casas ricas, de bangalôs nas colinas. Capivari tem um ar de presépio. Desceram sempre silenciosos até junto do clube, de construção rústica, coberta de sapé. Uma vitrola cantava um tango langoroso. Ouviam-se gritos de crianças invisíveis, nos seus jogos. –Lá vem os grã-finos, disse Flávio, rompendo o silêncio”. (QUEIROZ, 1984, p. 81, grifos nossos)

Além das vilas Abernécia e Capivari, das pensões, sanatórios, clube e casas de campo, *Floradas na Serra* enfatiza, desde o título, a peculiar natureza da Serra da Mantiqueira, repleta de paisagens exuberantes. O contexto histórico do romance de Dinah Silveira de Queiroz (fim da década de 1930) coincide justamente com o início da *época do turismo de elite* na cidade, momento em que o aspecto de *paraíso intocado* começa a



Figura 4: Chácara Abernécia, a provável “casa estilo inglês” descrita em *Floradas na Serra*, anos 1920 ou 1930. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

mudar, com a paisagem passando a ser capitalizada e alterada, tanto pela implantação de melhorias urbanas, quanto pela instalação de novos marcos arquitetônicos, como os primeiros hotéis de luxo. As passagens abaixo deixam transparecer essa transformação da paisagem na Campos do Jordão *idílica*:

–Amanhã irei ver o que há por esses lados. Elza apontava a Lucília a estrada. Céu azul, profundo. – Posso dizer. Ali do alto se avistam vários morros, todos redondos e parecidos. Pinheiros entre eles. No vale, casinhas de pobres. Ao longe, uma casa estilo inglês. Pereiras. Culturas em volta. E bem no alto, separado de nós pelo abismo, rodeado de ciprestes, está o cemitério... [...] Restos de geada nas grotas. A manhã tem um sol muito claro, fazendo cintilar o orvalho enregelado, dando uma vida fictícia e esplendente à vegetação crestada pelo inverno. (QUEIROZ, 1984, p. 15, grifos nossos)

Cobria-se a Serra de flores. Correu primeiro um balbucio de primavera. Seria já a florada? Botões, aqueles pequeninos sinais? No meio dos bosques escondidos entre os montes, o amarelo e o vermelho salpicavam, abriam no verde sorridente espanto. Em lugares mais resguardados, mais favorecidos, em breve surgia a neve florida cobrindo as pereiras e transformando, enriquecendo a paisagem. E logo também floriram os pessegueiros. Junto das favelas, nos parques dos sanatórios, rodeando os bangalôs, à beira das águas mansas, a florada em rosa e branco apontou finalmente, luminosa, irreal. (QUEIROZ, 1984, p. 139, grifos nossos)

Ainda que descrições quase paradisíacas sejam comuns em *Floradas na Serra*, o que certamente tornou “a obra um importante instrumento de divulgação da função turística de Campos do Jordão” (HAMMERL, 2016, p. 208), Dinah Silveira de Queiroz releva, em certas passagens de seu livro, como as que citamos acima, que além de *casas em estilo inglês* (figura 4) e *bangalôs*, a estância turística em formação também já possuía, no final dos anos 1930, *casinhas de pobres* e *favelas*. Em certo contraponto à escritora paulistana, o sergipano Paulo Dantas descreverá de forma mais detalhada como era essa outra Campos do Jordão.

Cidade Enferma e a Campos do Jordão precária dos doentes e moradores

“Apesar do consenso sobre a imagem da cidade solidária entre os moradores da cidade e ex-doentes que acabaram estabelecendo residência no município, uma outra memória também faz parte do mosaico de lembranças da antiga estância de Campos do Jordão” (ZANETTI, SANCHES & OLIVEIRA, 2017, p. 364). Esse é o caso da obra *Cidade Enferma*, do sergipano Paulo Dantas, que foi um *protegido* de Monteiro Lobato (1882-1948), “já que o pai do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* se assombrava com a semelhança física entre [Dantas e] seu filho, Guilherme, que a tísica levou no ano de 1938” (KWAK, 2012, s/p).

Tuberculoso em busca de tratamento em São Paulo, o escritor sergipano conseguiu por intermédio de Lobato (que tinha terras na cidade vizinha, Taubaté, e uma casa de campo na Vila Capivari) um leito no Sanatório da Legião Brasileira de Assistência, em Vila Abernécia, onde permaneceu entre novembro de 1945 e setembro de 1950 (PAULO FILHO, 1986, p. 427). Foi a partir dessa experiência que Paulo Dantas escreveu o seu livro, entre junho de 1947 e abril de 1948, publicado dois anos depois. Da mesma forma que Elza, protagonista de *Floradas na Serra*, Léo Além, personagem central de *Cidade Enferma*, chega a Campos do Jordão de trem, que era o acesso mais fácil à localidade durante a primeira parte do século XX. Durante o trajeto, Além observa o interior do vagão e descreve os três principais grupos sociais que interagem nas paragens jordanenses daquele período, o final da década de 1940:

A humanidade é heterogênea no elétrico que sobe a serra. Há doentes abatidos que viajam calados e esperançosos; camponeses simples e calmos; turistas bem-vestidos e enfatuados. O olhar dos camponeses, nascidos e criados nas rampas da serra, é manso e pousa sem cerimônia sobre os passageiros. Mas os passageiros não ligam para o olhar manso e sem cerimônia [...] Os doentes estão fechados dentro de suas próprias tragédias. E os turistas mergulhados nas suas vaidades exibicionistas e nos seus roteiros de férias. (DANTAS, 1977, p. 42, grifos nossos)

Por meio de Léo Além, “Dantas mostra uma outra Campos do Jordão, bem diferente daquela narrada pelas memórias oficializadas pelos discursos hegemônicos [...] evidenciando rupturas na hegemonia discursiva ao revelar o abandono e a falta de perspectivas” (ZANETTI, SANCHES & OLIVEIRA, 2017, p. 364) tanto dos doentes quanto dos moradores fixos da localidade. Ao contrário de *Floradas na Serra*, *Cidade Enferma* é mais crítica na descrição de um território jordanense precário, sobretudo Vila Abernécia e seus arredores, esquecido tanto pelo poder público quanto pelas elites locais, mais interessadas em apostar no turismo nascente do que em amparar os tuberculosos e as camadas economicamente menos favorecidas de Campos do Jordão. É nesse contexto que devemos compreender passagens como a que apresentamos abaixo, em que Paulo Dantas detalha como era uma das primeiras favelas (figura 5) da cidade:

(Arduíno e Léo Além na Pensão São João) Da janela do quarto, os dois viam a favela que nascia, filha da favela maior que, de ventre cheio, paria miseráveis casebres pelas rampas. –Você não imagina a desgraça daquela gente – apontava para o escuro morro cheio de casebres cobertos de zinco, de choças muito caídas e imundos barracões de madeira. Da janela, olhando a favela, Arduíno gostava de fazer discurso:



Figura 5 (topo): Vila Maquinista, conhecida como Morro da Favela nos anos 1940. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

Figura 6 (embaixo): Tênis Clube, à frente, na Vila Capivari, Campos do Jordão. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

—*Isso é uma calamidade... um dia essas palhoças desabam sobre seus pobres moradores, tuberculosos fundos ou irremediáveis paráliticos, pais de abandonadas crianças que brincam naquela lama, com os pés metidos naquele córrego imundo onde as mães lavam roupas de doentes. Terra desgraçada, que permite uma coisa dessa...* (DANTAS, 1977, p. 66, grifos nossos)

Muito provavelmente, a favela descrita em *Cidade Enferma* é a Vila Maquinista, nas proximidades da Vila Abernécia, que inclusive foi retratada em reportagem da revista *O Cruzeiro* em outubro de 1948, seis meses após a conclusão do romance de Dantas. A Vila Maquinista foi, possivelmente, o primeiro de muitos assentamentos em encostas com probabilidades razoáveis de deslizamentos de terra, os quais se perpetuaram por Campos do Jordão ao longo dos séculos XX e XXI, resultado de diversos fatores, sendo o principal deles um planejamento urbano que historicamente segregou no território turistas e mais abastados dos doentes e mas desamparados, com as regiões menos acidentadas reservadas ao primeiro grupo, e as áreas de risco destinadas aos demais. Apesar de explorar mais o sofrimento dos tuberculosos e a *cidade dos pobres* do que Dinah Silveira de Queiroz em sua obra, Paulo Dantas também não deixa de fazer a descrição da contrastante *cidade dos ricos*, a região de Capivari, com o seu seleta Tênis Clube (figura 6):

Os turistas vivem num mundo diferente dentro da montanha. Moravam em hotéis caros e luxuosos ou tinham suas belas e confortáveis residências em Vila Capivari. Eles transitavam, felizes e folgados, no feriado sentimental de uma burguesa temporada de verão. Em Capivari, tudo mudava. A vida se transfigurava, assumindo um

aspecto ostensivo, que insultava a padecida humildade e o irritante desconforto de Vila Abernédia com suas pensões de doentes, suas ruas esburacadas, seu comércio poeirento, suas favelas e seus moradores estalando de febre e de queixas [...] Capivari ardia nas satisfações capitalistas [...] Capivari, com sua paisagem de cartão-postal, era como um enorme presépio cheio de morros, castelos fechados, telhados coloridos, mármore aquecidos, amplos solares, residências grã-finas e confortáveis, que se espalhavam obedecendo a um traçado e a uma geografia especial". (DANTAS, 1977, pp. 138-139, grifos nossos)

Em *Cidade Enferma*, lançado cerca de dez após *Floradas na Serra*, a dicotomia Abernédia-Capivari é muito mais explícita, pois nessa época já vigorava uma normativa urbanística na qual os tuberculosos deveriam ficar confinados no parque sanatorial, enquanto a porção a leste de Abernédia seria preferencialmente destinada à instalação de atrativos turísticos e casas de campo³.

Além dos cenários que remetem ao estrangeiro, sobretudo à Europa, apresentados nos três livros, é em *Cidade Enferma* que somos mais confrontados com problemas tipicamente brasileiros, tais como o surgimento de favelas em áreas de risco ou as péssimas condições a que os doentes e menos favorecidos eram (e são) submetidos, quase sempre abandonados pelo poder público. O romance de Paulo Dantas denuncia mazelas e contradições sociais, a exemplo do que fazem outros autores, como Euclides da Cunha (1866-1909) e Lima Barreto (1881-1922) ao retratar o sertão nordestino no fim do século XIX ou Rio de Janeiro no início do século XX em suas obras, como bem analisado no artigo *De Canudos ao Castelo*, de Sebastião Lindoberg da Silva Campos (2018).

Ainda em 1929, a lei estadual nº 2362 organizava a chamada Prefeitura Sanitária de Campos do Jordão, ao mesmo tempo em que funcionava como um misto de primeira lei de zoneamento, uso e ocupação do solo com código de obras. Uma das grandes preocupações dessa lei era com as chamadas vilas operárias, tema do capítulo trinta da legislação, numa clara tentativa de restringir à população mais pobre a determinadas áreas do território municipal, como descreveremos a seguir.

No Capivari, "a zona operária" ficaria "circunscrita ao vale entre a Caixa d'Água e a Casa do General Ralston" (figura 7-A). Em Jaguaribe, "no vale em frente ao cruzamento da estrada de rodagem com a estrada de ferro, em direção ao cemitério" (figura 7-B). Em Abernédia, "no vale onde se acha a Rua do Sapo" (figura 7-C), cuja parte acidentada coincide com a favela em *Cidade Enferma* (figura 7). Todos esses assentamentos deveriam se distanciar no mínimo cem metros dos trilhos da ferrovia. Ou seja, no final dos anos 1920 já se delineava uma tendência ao mascaramento das mazelas que desde aquela época assolavam a chamada Suíça Brasileira, ou na visão de José Oswaldo de Oliveira (1991), "ironicamente, a cidade sanitária", um projeto exemplar "de ordenamento civilizatório-cultural, [...] sucumbe aos primeiros testes submetidos pela realidade de sua produção [...] e] aos pobres restarão as sobras" (p. 57).

Paulo Dantas utiliza-se na página 139 de *Cidade Enferma* da expressão *obedecendo a um traçado e a uma geografia especial* para explicar a nascente zona turística de Campos do Jordão, o que pode remeter ao desenho dos diversos bairros jardins que já naquela época se implantavam na região de Capivari, um padrão de urbanização que se destinava a abrigar as casas de campo para usufruto de uma população flutuante

³ Em 1936 o prefeito Antônio Gavião Gonzaga definiu uma primeira zona sanatorial a oeste de Abernédia, ratificada posteriormente pelo *Plano Urbanístico de Campos do Jordão* – estudo encomendado pelo governo paulista e concluído em 1937 por uma equipe técnica liderada por Francisco Prestes Maia (1896-1965) – e posta em prática por meio dos decretos estaduais nº 11781, de 1940 e nº 11850, de 1941.

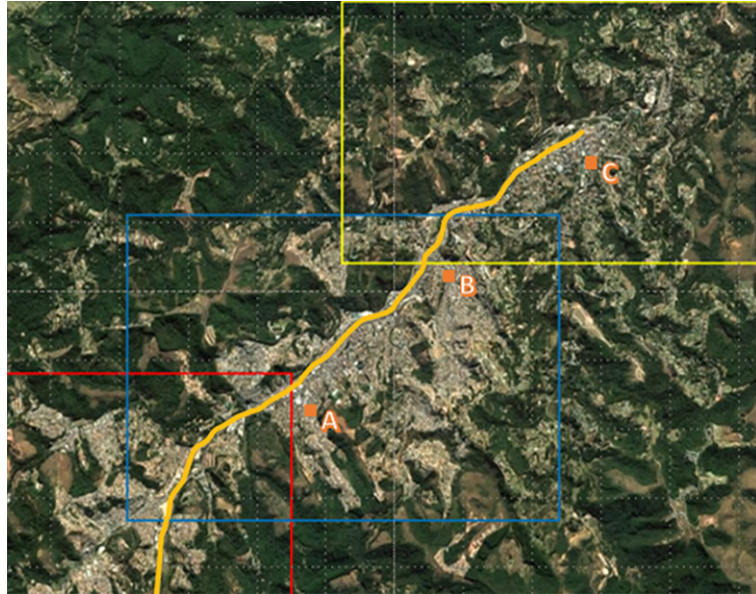


Figura 7: Mapa de Campos do Jordão com destaque para as regiões da antiga zona sanatorial (em vermelho), Abernécia (em azul) e Jaguaribe-Capivari (em amarelo), o eixo rodoferroviário principal em laranja claro e as primeiras vilas operárias marcadas em laranja escuro e assinaladas com as letras A, B, C conforme o texto. Fonte: adaptado pelos autores com base em <www.google.com.br/maps>, 2022.

composta majoritariamente por paulistanos de estratos sociais mais elevados. O acesso à cidade pelas classes médias, por sua vez, começa a ocorrer apenas a partir dos anos 1960 e 1970, período em que surgem marcos arquitetônicos modernos na paisagem de montanha, e no qual Campos do Jordão passa por transformações em sua infraestrutura com vistas a receber um fluxo muito maior de visitantes. Esse é o contexto no qual se desenvolve a narrativa de *Opulência*, livro sobre o qual trataremos a seguir.

Opulência e a Campos do Jordão em transformação para o turismo de massa

Ao contrário dos anteriores, *Opulência* é de publicação recente, lançado em 2020 pelo paulistano Luís Krausz, mas que, da mesma forma que *Floradas na Serra* e *Cidade Enferma*, apresenta uma trama semiautobiográfica, nesse caso, inspirado em momentos da infância e da adolescência do autor na casa de campo da família, de origem alemã, na Vila Yara, em Campos do Jordão. É interessante notar como o próprio bairro onde se passa boa parte dessa história é de ocupação mais recente: localizada entre o núcleo histórico de Vila Jaguaribe e o centro turístico em formação de Vila Capivari, a Vila Yara começa a se urbanizar de forma mais efetiva durante as décadas de 1960 e 1970 (quando se passa a narrativa do romance), com resultado da expansão dos dois bairros mais antigos ao longo de um eixo acentuadamente linear configurado pelo vale do Rio Capivari, da Estrada de Ferro Campos do Jordão e da então chamada Avenida de Ligação, principal via automobilística da cidade.

Dentro desse contexto, uma nova tipologia arquitetônica se torna cada vez mais comum na montanha: os edifícios residenciais. Em geral com até quatro pavimentos, nos anos 1960 a legislação urbanística jordanense permitiu, praticamente apenas naquela década, a implantação de prédios mais altos, sem limite de gabarito. Dessa forma, somente na

Vila Yara, foram implantados cinco edifícios: Tirol e Alpes, com quatro pavimentos e numa genérica linguagem arquitetônica *de montanha*, e Caiçara, Sans Souci (figura 8) e Mantiqueira, o primeiro com quatro, o segundo com um bloco de seis e outro de oito e o último com nove pavimentos, e que foram alguns dos primeiros prédios a adotar uma linguagem arquitetônica moderna em Campos do Jordão. Em *Opulência*, percebemos por meio do protagonista, uma espécie de *alter ego* do jovem Krausz, que a chegada de tais edifícios à cidade não foi ileso de polêmicas:

Sobre os seis andares do Edifício Sans Souci foi construído um telhado de folhas de zinco. Não existia, num raio de cento e setenta e cinco quilômetros dali, construção mais ordinária, nem no que diz respeito às paredes, nem no que diz respeito aos caixilhos de ferro das janelas, nem no que diz respeito às venezianas dos quartos apertadinhos e das salinhas ordinárias, que se abriam para o sul e nunca eram tocadas por um raio de sol, e faziam pensar em corredores imensos, gelados e escuros, cheios de portinholas que se abriam para apartamentinhos cheios de cobertas bolorentas, moradias de uma infelicidade esverdeada. (KRAUSZ, 2020, p. 44, grifos nossos)

A suposta falta de qualidade nos espaços internos e o contraste entre linguagem *de montanha* e linguagem moderna, materializados nesses primeiros prédios de apartamentos em Campos do Jordão, evidenciam ainda que um número maior de pessoas, sobretudo da classe média, estava tendo acesso à cidade turística. Em contrapartida, as classes mais abastadas, proprietárias das primeiras casas de campo na cidade, situadas em amplos terrenos arborizados nos elegantes bairros jardins, se lamentavam e tentavam conter a transformação irreversível das primeiras paisagens naturais jordanenses, frente a entrada de Campos do Jordão na *época do turismo de massa*, fenômeno também registrado em *Opulência*:

Figura 8: Edifício Sans Souci, na Vila Yara, Campos do Jordão.
Fonte: Acervo do Autor, 2022.



À sombra dos pinheiros que tinham sido plantados junto à cerca para esconder o horroroso prédio de apartamentos que ficava na frente do nosso terreno, e que tinha o romântico nome de Sans Souci [...] Era um prédio cujas paredes, que davam para o nosso jardim, permaneciam, ao ano inteiro, cobertas por uma camada de umidade. Ali cresciam os bolores verdes e os bolores cinzas de um perpétuo mau cheiro. O prédio escondia a vista do parque do Grande Hotel, e as araucárias seculares, um imenso tapete montanhoso verde-esmeralda, sobre o qual o sol se punha como uma coroa. Aquele paredão horroroso era cheio de umas janelinhas de quinta categoria”. (KRAUSZ, 2020, pp. 37-38, grifos nossos)

Na obra de Krausz os marcos turísticos e arquitetônicos são apresentados de uma forma mais direta na narrativa, seja por escolha desse escritor e não dos dois anteriormente apresentados, seja porque, de fato, os marcos turísticos e arquitetônicos, implantados a partir das décadas de 1940 e 1950, se consolidam como tal a partir dos anos 1960 e 1970. Alguns exemplos desses marcos são o Palácio Boa Vista, cuja construção “inaugurou toda uma linhagem de construções exóticas e históricas em Campos do Jordão” (p. 104), o bairro turístico de Vila Inglesa, e o Grande Hotel (figura 9) e o Hotel Toriba, dois dos estabelecimentos de hospedagem mais tradicionais da cidade. E, da mesma forma que as obras de Dinah Silveira de Queiroz e Paulo Dantas, *Opulência* também descreve com detalhes a Vila Capivari de seu tempo, onde se destacam: a Fonte Luminosa (figura 10), na Praça São Benedito, a Confeitaria Willys, a Livraria Paula e Brito, o Tênis Clube:

A Praça de Capivari era decorada pelo esplendor de uma fonte luminosa em forma de flor [...] Jera o fulcro da vida noturna de Capivari, o ponto focal da grande lente das noites das férias [...] e na curva junto à fonte luminosa já despontava o XJ12 dos donos da Lassie, que vinham apanhar seus jornais e suas encomendas da Confeitaria Willys, cujas portas de vidro, ao abrirem, acionavam um sininho e sopravam sobre a calçada o hálito morno de baunilha e creme que pairava em torno do confeitheiro alemão e das suas ajudantes, todas vestidas com impecáveis uniformes brancos, orgulhosamente postados atrás do balcão envidraçado [...] havia também os visitantes esporádicos que, não sendo conhecidos por ninguém, apareciam ali, subitamente, exalando os ares do Grande Hotel e os ares do Hotel Toriba, a bordo de reluzentes Mercedes-Benz último tipo. Eram atraídos pelo magnetismo do comércio de Capivari como os enxames”. (KRAUSZ, 2020, pp. 78-79, grifos nossos)

Figura 9: Grande Hotel Cassino, na Vila Capivari, anos 1940 ou 1950. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.





Figura 10: Fonte Luminosa e Igreja de São Benedito, na Vila Capivari, Campos do Jordão, anos 1960 ou 1970. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

Opulência retrata ainda as expectativas com relação à conclusão da Rodovia Floriano Rodrigues Pinheiro, a SP-123, que à época do romance era a “nova estrada que estava para ser construída, saindo de um ponto da Via Dutra”, e subindo a Serra da Mantiqueira por um trajeto que “reduziria o tempo de viagem de São Paulo a Campos do Jordão” para cerca de duas horas (p. 222). A inauguração dessa rodovia em 1978 mudou completamente a dinâmica do turismo local: o fluxo turístico, “que já era grande, aumentou consideravelmente, facilitando a visita de diversas classes sociais a Campos do Jordão. A moderna estrada de rodagem, além da segurança da viagem, trouxe para os visitantes a oportunidade de transformar ainda mais o município” (FERNANDES, 2017, p. 35), por meio da aquisição de novos apartamentos junto à malha urbana consolidada, ou novas casas de campo a serem construídas nos diversos loteamentos que estavam sendo abertos na estância naquele período.

Considerações finais

Diferente de muitas cidades interioranas, onde igrejas, praças e mercados frequentemente são os principais marcos urbanos, é interessante notar como as narrativas em Campos do Jordão enfatizam muito mais os sanatórios, os hotéis e as estações de trem como referências na paisagem. Ainda que os primeiros não estejam ausentes de nenhuma das três histórias analisadas, são os segundos que acabam adquirindo uma maior relevância ou acabam mais frequentemente retratados ou mencionados, uma prova da trajetória peculiar desse antigo balneário de cura transformado em estância turística ao longo do século XX. O *Campos do Jordão Tênis Clube de Turismo*, o *Palácio Boa Vista* e as pensões para tuberculosos completam a lista das construções que se destacam na cidade apresentada por Queiroz, Dantas e Krausz, juntamente à exuberante natureza da Serra da Mantiqueira.

Enquanto *Opulência* traz um interessante vislumbre das mudanças em curso na Campos do Jordão da *época de modernização e cultura* para a *época do turismo de massa*, em *Floradas na Serra* e *Cidade Enferma* entendemos claramente que existiram (e existem) na cidade as áreas destinadas para abastados e turistas e aquelas destinadas aos pobres e aos tuberculosos, divisão incentivada oficialmente por meio de legislação municipal e estadual. A esse respeito, vale a pena retomar a observação que faz José Oswaldo Oliveira ao comentar os diversos planos urbanísticos desenvolvidos para Campos do Jordão ao longo do século XX: “ao pressuporem o crescimento da cidade, *desconsideram a necessidade de sua produção*, da execução dos suportes materiais à economia local. Portanto, *esquece[ra]m-se da presença de trabalhadores* a realizá-la e a operacionalizar os demais serviços” (1991, p. 6, grifos nossos).

Ou seja, se as várias ações periódicas de planejar a cidade ao longo do século XX certamente anteviram problemas a tempo de evitá-los, descobriram muitas potencialidades no território e resultaram em certa qualidade de vida aos moradores da estância, elas também acabaram acentuando a segregação socioespacial, com regiões para turistas x regiões para nativos, cenários imaginários que remetem ao exterior x realidades com mazelas tipicamente brasileiras, e áreas de crescimento induzido e com boa infraestrutura x áreas com crescimento espontâneo e com riscos evidentes.

Concluindo, a análise de *Floradas na Serra*, *Cidade Enferma* e *Opulência* aqui empreendida buscou evidenciar as relações entre literatura e os estudos sobre memória, história, urbanismo e arquitetura das cidades, nesse caso específico, a estância turística de Campos do Jordão. Para além de sua importância como artefato cultural, forma de expressão artística ou obra de entretenimento, cada um dos romances retrata as belezas naturais e os atrativos turísticos jordanenses, ao mesmo tempo em que, em maior ou menor grau, expõe uma segregação socioespacial latente na cidade.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, Sebastião Lindoberg da Silva. De Canudos ao Castelo: os subterrâneos da *belle époque* tropical. In: NEGREIROS, Carmem *et. al.* (Orgs.). *Belle époque: efeitos e significações*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2018.
- DANTAS, Paulo. *Cidade Enferma*. 3ª ed. São Paulo: Global, 1977 (1ª publicação em 1950).
- FERNANDES, Mateus. *A trajetória do Baden Baden na história de Campos do Jordão*. Campos do Jordão: Livrarte, 2017.
- HAMMERL, Priscyla Christine. *Por uma cidade turística: formação e transformação territorial da estância de Campos do Jordão–SP (1911-1966)*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2016.
- KRAUSZ, Luís. *Opulência*. Recife: CEPE, 2020.
- KWAK, Gabriel. *Cinco anos sem Paulo Dantas*. Palestra proferida na Academia de Letras de Campos do Jordão em 10 de setembro de 2012 e transcrita em: academiadeletrasdecamposdojordao.blogspot.com/2012/09/homenagem-ao-academico-paulo-dantas.html, acesso em 29/10/2022.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 (1ª publicação em 1960).
- O'DONNELL, Júlia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

- OLIVEIRA, José Oswaldo Soares de. *A quem interessa a urbanização clandestina?* Estudos sobre Campos do Jordão-SP. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Carlos, 1991.
- PAIVA, Ricardo Alexandre. O turismo e os ícones urbanos e arquitetônicos. *In: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 16, n. 1, pp. 107-123, mai. 2014.
- PAULO FILHO, Pedro. *História de Campos do Jordão*. Aparecida: Santuário, 1986.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Floradas na Serra*. 23ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984 (1ª publicação em 1939).
- ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (1ª publicação em 1966).
- SÃO PAULO (ESTADO). *Decreto nº 11781, de 30 de dezembro de 1940*. Considera impróprias para a instalação de pensões e casas de habitação coletiva de doentes portadores de tuberculose, as vilas Capivari e Jaguaribe, da Prefeitura Sanitária de Campos do Jordão. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 1940.
- SÃO PAULO (ESTADO). *Decreto nº 11850, de 26 de fevereiro de 1941*. Delimita a zona sanatorial do Distrito de Paz de Campos do Jordão, da Prefeitura Sanitária de Campos do Jordão. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 1941.
- SÃO PAULO (ESTADO). *Lei nº 2362, de 14 de janeiro de 1929*. Dá organização às Prefeituras Sanitárias de Campos do Jordão e Guarujá. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 1929.
- SÃO PAULO (ESTADO). *O Plano Urbanístico de Prestes Maia para Campos do Jordão*. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 1937.
- SILVA, Arlindo; MAIA, Roberto. Zero Graus na Suíça Brasileira. *In: O Cruzeiro*, 30/10/1948, pp. 36-39 e 44.
- SILVA, Carla Alves da. *A imagem dos destinos turísticos de montanha: olhares dos residentes e dos turistas*. Tese (Doutorado em Turismo) – Universidade de Aveiro, 2011.
- ZANETTI, Valéria; SANCHES, Maiara; OLIVEIRA, Robson. Campos do Jordão: a memória como campo de disputa. *In: Rua*, v. 23, n. 2, pp. 351-371, 2017.

Recebido [Dez. 03, 2022]

Aprovado [Set. 05, 2023]